

O Cientista como Evangelista

John W. Robbins

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Estou muito honrado e agradecido de poder lhes falar esta manhã sobre o assunto “O Cientista como Evangelista”. Esse é um assunto muito importante, e muito negligenciado também. Creio que pouquíssima atenção tem sido prestada a ele; pelo menos os cristãos têm prestado pouca atenção. Carl Sagan foi um evangelista muito eficaz para a sua filosofia de ciência anti-cristã. Mas os cristãos não dão ao assunto a atenção que ele merece. As razões para os cristãos ignorarem a matéria são muitas. Gostaria de discutir umas poucas com vocês.

Primeiro, muitos cristãos têm uma idéia inadequada de evangelismo. “Todo o mundo sabe” que evangelismo é a proclamação do Evangelho ao mundo inteiro. É distribuir folhetos, ir de porta em porta, convidar seus amigos e vizinhos à igreja. Todas essas atividades podem ser realizadas por membros de qualquer profissão – cientistas, secretárias e assistentes sociais. Nesta visão de evangelismo, não há nada de especial para falar sobre o cientista como evangelista; ele simplesmente faz o que todo mundo está fazendo. Mas essa é uma idéia inadequada de evangelismo, e é a primeira razão para a negligência do assunto do cientista como evangelista.

A segunda razão para essa negligência é uma idéia inexata de ciência. Com isso não quero dizer que nossa definição de *ciência* é muito limitada e que deveria ser expandida para incluir teologia e política. Pretendo usar *ciência* em seu significado comum e ordinário, não em um significado amplo que inclua todas as disciplinas. Não, por nossa noção inexata de ciência quero dizer que *nós*, não-cristãos e cristãos igualmente, temos concebido erroneamente os limites e usos da ciência. Por causa dessa concepção errada, temos falhado em ver como um cientista pode ser um evangelista.

Uma terceira razão para a nossa falta de atenção ao assunto do cientista como evangelista é a separação comumente aceita entre Cristianismo e intelecto, entre fé e razão. Somos informados que razão não tem nada a ver com fé; a ciência não tem nada a ver com o Cristianismo. De acordo com essa visão, o tópico inteiro de “o cientista como evangelista” está fundamentalmente errado. Alguém poderia falar da mesma forma sobre a dona de casa como Comandante da Marinha.

São esses três erros – uma noção inadequada de evangelismo, uma noção inexata da ciência e uma crença equivocada sobre a relação entre ciência e Cristianismo – que eu gostaria de discutir com você esta manhã. Uma vez que tivermos em mente o que queremos dizer por *evangelismo*, por *ciência*, e pela relação entre Cristianismo e ciência, seremos capazes de descobrir como o evangelismo pode agir como um evangelista. Algumas vezes é dito que fazer a pergunta correta é solucionar metade do problema. Bem, neste caso, e em muitos outros, definir os termos é quase toda a solução. Começemos definindo *ciência*.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em março/2007.

O que é Ciência?

O *Oxford English Dictionary* define *ciência* como “conhecimento adquirido por estudo, familiaridade ou domínio de qualquer departamento do saber”. Nesse sentido, a palavra ciência é usada na tradução *King James* da Bíblia em 1 Timóteo 6:20, onde o apóstolo Paulo adverte Timóteo a “guardar o que te foi confiado, evitando clamores vãos e profanos, e oposições da falsamente chamada ciência”. A palavra ciência ocorre apenas essa vez no Novo Testamento e apenas uma vez no Antigo Testamento, em Daniel 1:4, onde somos informados que os filhos de Israel selecionados eram sem nenhum defeito, “instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento”. Esses israelitas foram capturados por Nabucodonosor, rei da Babilônia, e levados ao palácio do rei para aprenderem “a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus”.

Agora fica óbvio que nos dois versículos, a palavra *ciência* não significa o que significa para nós hoje. Trezentos e setenta e quatro anos atrás, quando a tradução *King James* (1611) foi feita, *ciência* significava o que o Dicionário Oxford diz: “conhecimento adquirido por estudo, familiaridade ou domínio de qualquer departamento do saber”. Todavia, estou certo de que todos nós já lemos escritores cristãos que usam a frase do Novo Testamento – “falsamente chamada ciência” – para atacar as visões dos cientistas modernos no sentido estreito, e mais importante, para argumentar que existe uma ciência verdadeira, isto é, uma ciência que fornece a verdade. Essa falha elementar em reconhecer que a palavra ciência mudou de significado nos últimos três séculos e meio invalida inúmeros argumentos modernos. Paulo não estava atacando a ciência moderna e defendendo a ciência verdadeira; ele estava atacando as falsas informações e crenças e defendendo o verdadeiro conhecimento.

A definição do *Oxford English Dictionary* que li para vocês é a segunda definição listada nesse dicionário. O significado moderno de *ciência* não aparece até a definição 5b, onde lemos que *ciência* é “sinônimo de ‘ciência natural e física’, e assim, restrita àqueles ramos de estudo que se relacionam com o fenômeno do universo material e suas leis”. Se devemos confiar nas citações do *Oxford English Dictionary*, essa mudança no significado de *conhecimento* para *ciência natural* ocorreu em algum momento durante o século dezoito, no tempo do crescimento do racionalismo e do Iluminismo. Tendo claramente em mente o que queremos dizer por *ciência*, voltemos-nos para os enganos que cometemos no entendimento da ciência.

A Ciência é Sempre Falsa

O primeiro engano que o homem na rua e muitos cristãos cometem, incluindo muitos cientistas cristãos, é o de considerar a ciência como um método de descobrir a verdade. Essa era a crença comum entre filósofos e cientistas dos séculos dezoito e dezenove, mas nenhum cientista respeitável e poucos filósofos respeitáveis afirmariam hoje que a ciência descobre a verdade.

Existem exceções, sem dúvida. Ainda em 1936, o vencedor do Prêmio Nobel, Robert Millikan, escreveu: “Na ciência, a verdade uma vez descoberta sempre permanece como verdade”. Como esse homem brilhante pôde fazer uma observação tão estúpida é assunto para outra palestra, mas ele de fato a fez, a despeito da história da ciência na qual as leis científicas são substituídas por outras com a velocidade da luz. Visto que pode surpreender a alguns de vocês ouvir que cientistas e filósofos não mais crêem que a ciência descobre a verdade, deixe-me citar as próprias palavras dos cientistas e filósofos.

Einstein e Popper

Talvez devêssemos começar com o cientista mais famoso de todos, Albert Einstein. Numa conversa com Chaim Tschernowitz sobre como a natureza realmente funciona, Einstein observou: “Não conhecemos nada sobre a natureza de forma alguma. Nosso conhecimento é apenas o conhecimento das crianças do colegial... Conheceremos um pouco mais do que conhecemos agora. Mas a natureza real das coisas – isso nunca conheceremos, nunca”.

Partindo de Einstein para um filósofo da ciência menos conhecido, o britânico Karl Popper, encontramos-o escrevendo o seguinte: “Todas as declarações científicas são hipóteses, ou sugestões, ou conjecturas, e a vasta maioria dessas conjecturas... têm se mostrado falsas. Nossas tentativas de ver e encontrar a verdade não são finais, mas abertas ao aprimoramento;... nosso conhecimento, nossa doutrina, é conjectural;... consiste de suposições, de hipóteses, ao invés de verdades certas e finais”.

Bertrand Russell

Bertrand Russell foi um filósofo e matemático inglês, e ele também entendeu algumas das limitações do método científico. Por *limitações* não quero implicar que a ciência é capaz de descobrir algumas verdades, mas não outras; que embora a ciência possa descobrir as verdades da astronomia, física ou botânica, devemos confiar na Bíblia para a teologia. Essa é uma visão fundamentalmente errônea das limitações da ciência, e Russell não tinha tais ilusões sobre a ciência. A ciência é baseada na observação e experimento. Mas a indução, Russell admitiu um pouco relutantemente, “permanece um problema de lógica não resolvido”. Colocando um pouco mais claramente: a indução é uma falácia lógica. Só porque alguém observa mil cisnes brancos, não se pode concluir que todos os cisnes sejam brancos. O número 1001 pode ser preto. Simplesmente porque o Sol tem surgido toda manhã nos últimos cem anos não implica que aparecerá amanhã. Ou, para dar um exemplo mais teológico, os arqueologistas não-cristãos costumavam alegar que não existia nenhuma evidência para a existência de uma nação hitita, e, portanto, a Bíblia deve estar enganada. Hoje, existem mais documentos hititas em nossos museus do que tempo hábil para os arqueologistas os traduzirem. A *indução* é sempre falaciosa, e a ciência é baseada na indução.

Um segundo problema com a ciência que Russell viu é o problema da experimentação. A ciência funciona testando-se hipóteses através de experimentações. De uma hipótese um cientista deduz que se X for feito, Y ocorrerá. Ele então procede para realizar um experimento; Y ocorre; e, portanto, ele conclui, a hipótese é confirmada. Essa forma de argumento é outra falácia lógica, e *todas* as experimentações laboratoriais cometem essa falácia. Seu nome formal é afirmar o conseqüente. Se p , então q , portanto p . Se a teoria da relatividade de Einstein é verdadeira, então a luz fará uma curva na presença de objetos maciços; a luz se curva quando passa perto do Sol; portanto, a teoria da relatividade de Einstein é verdadeira. Ou, para colocar de uma forma menos científica: se está chovendo, as ruas estão molhadas; as ruas estão molhadas; portanto, está chovendo. Russell escreveu:

Todos argumentos indutivos, em última análise, se reduzem à seguinte forma: “Se isso é verdade, aquilo é verdade; agora, aquilo é verdade; portanto, isso é verdade”. Esse argumento é, sem dúvida, formalmente falacioso. Suponha que eu dissesse: “Se pão é pedra e pedras são nutritivas,

então esse pão me alimentará; agora, esse pão me alimenta; portanto, ele é uma pedra e pedras são nutritivas”. Se eu apresentasse tal argumento, certamente seria chamado de louco; todavia, ele não seria fundamentalmente diferente do argumento sobre o qual todas as leis científicas são baseadas.

Gordon Clark

Todavia, Einstein, Popper e Russell podem não ser do seu gosto. Então, deixe-me mencionar o maior filósofo e teólogo cristão deste século, um homem que escreveu um livro sobre ciência intitulado *The Philosophy of Science and Belief in God* [A Filosofia da Ciência e a Crença em Deus]. Nesse livro, o dr. Gordon Clark disse sobre a Física, que é a mais avançada das ciências, o seguinte: “Todas as leis da Física são falsas”. Além do mais, ele dá noventa e cinco páginas de argumentos demonstrando o porquê disso ser assim. Eu já mencionei duas dessas razões, as falácias da indução e de afirmar o conseqüente, e existem muito mais. Mas Clark e a lógica mostram muito mais que o fato de todas as leis da Física *serem* falsas; eles mostram que todas as leis da física *devem ser* falsas. Clark escreveu: “Ao invés de ser o único portão para todo o conhecimento, a ciência não é um caminho para nenhum conhecimento”.

Agora essa visão da ciência é muito diferente da visão sustentada pelos homens comuns e muitos cientistas cristãos. Levam décadas, algumas vezes um século, para as opiniões de filósofos se tornarem as opiniões comuns da humanidade; e os Americanos em 1985 ainda crêem, em geral, no que foi ensinado no século dezanove, que a ciência descobre a verdade. Neste caso não é simplesmente inércia intelectual; pois os professores de ciência em nossas escolas e faculdades têm um entendimento turvo que existe uma questão religiosa envolvida aqui, e que se eles fossem admitir que a ciência não descobre a verdade, e de fato não pode descobrir a verdade, a batalha entre Cristianismo e ciência terminaria. Assim, eles possuem um interesse velado em perpetuar o mito que a ciência descobre a verdade. É somente nas escolas de pós-graduação, se é que só então, que o estudante é informado sobre as limitações da ciência. Até então, ele é intimidado pelo equivalente moderno do “Assim diz o Senhor”: “Foi cientificamente provado”. Os estudantes *não* são informados que é impossível provar algo cientificamente e que a frase “verdade científica” é uma contradição de termos. Na realidade, é-lhes dito o oposto: nada pode ser aceito a menos que seja cientificamente provado, e nada tem qualquer direito de ser chamado de verdade a menos que a ciência reconheça tal direito.

Os Cristãos Defendem a Ciência, não o Cristianismo

Essa, então, é nossa idéia incorreta da ciência. Os teólogos e cientistas cristãos têm sustentado essa falsa noção e têm-na ensinado como se fosse verdade. Ironicamente, talvez não existam defensores mais ardentes do método científico hoje do que teólogos e cientistas cristãos.

Pelo menos parte da explicação para essa defesa da ciência é um desejo de usar a segunda lei da termodinâmica para provar uma doutrina da criação no passado finito. Mas os cientistas que desejam usar a segunda lei dessa forma são simplesmente ignorantes dos argumentos demonstrando a falácia do método científico. Eles persistem em defendê-la, embora os mais inteligentes cientistas e filósofos não-cristãos admitam que todas as leis científicas são falsas. Essa situação confusa destrói a capacidade do cientista cristão de evangelizar, pois ele está ocupado defendendo uma fonte de verdade que não a Bíblia,

enquanto aqueles que ele deveria estar ensinando aprenderam a lição de uma forma melhor. O cristão em geral, e o cientista em particular, têm uma visão totalmente errônea da ciência e, portanto, não pode relacionar apropriadamente ciência e evangelismo.

Se esse é o caso, qual é a visão apropriada da ciência? Quais são as suas limitações? Qual é a sua utilidade?

Os Limites da Ciência

Começemos respondendo essas questões listando brevemente algumas das razões pelas quais a ciência não é uma forma de descobrir a verdade. Eu já mencionei duas: as falácias lógicas da indução e de afirmar o conseqüente. Deixe-me nomear mais duas, ambas relacionadas à Física. Eu escolho a Física porque ela, mui claramente, é a melhor e mais avançada das várias ciências naturais; e, portanto, o que se aplica à Física, se aplica *a fortiori* para Biologia, por exemplo. Talvez alguém passe num curso de Biologia com uma boa memória; mas um curso de Física, precisamente porque é mais avançado, requer a habilidade de pensar rigorosamente.

Alguns podem ser inclinados a argumentar que, mesmo que todas as leis da Física sejam falsas, elas ainda são altamente prováveis. Em resposta a isso, cito as palavras de Karl Popper, o filósofo da ciência britânico: “Todas as teorias, incluindo as melhores, têm a mesma probabilidade, a saber, zero”. Por que Popper disse tal coisa tão chocante? O argumento é simples: Um cientista, após fazer vários experimentos e algumas mensurações, desenha um gráfico. Quantas linhas podem passar pelos pontos num gráfico? Um número infinito, sem dúvida. A bela curva que colocamos em nossos livros-texto, mesmo em nossos livros-texto cristãos, é apenas uma entre um número infinito de linhas que poderia ter sido traçada. O cientista *escolheu* a linha que ele traçou, mas não a descobriu. Mas se é possível que haja um número infinito de curvas, segue-se que a probabilidade da curva que foi escolhida e a equação que a representa ser a correta é uma dentre o infinito, ou zero. Portanto, “todas as teorias, incluindo as melhores, têm a mesma probabilidade, a saber, zero”. Como queríamos demonstrar, Popper repetiu essa declaração muitas vezes em seus livros, e desejava que alguns teólogos e cientistas cristãos lessem os mesmos.

Mas há uma quarta razão para crer que o método científico é um amontoado de falácias lógicas. Essa é muito fácil de ser captada, assim como as três primeiras razões. A ciência, especialmente a Física, não lida com o mundo no qual vivemos. Ela lida com um mundo imaginário, onde existem vácuos absolutos, superfícies sem fricção, corpos cujas massas são concentradas num ponto geométrico, e cordas sem tensão. A lei do pêndulo, por exemplo, aplica-se a um mundo imaginário; ela não descreve nenhum pêndulo real. A lei dos corpos caindo livremente se aplica a um mundo imaginário também; ela não descreve nenhum corpo que esteja caindo de fato. A ciência não descreve o comportamento das coisas que vemos, mas das coisas que os cientistas imaginam, incluindo elétrons, prótons e quarks.

A Utilidade da Ciência

A ciência, então, não é uma forma de descobrir a verdade. Qual é a sua função? Bem, ela pode ter pelo menos duas funções legítimas. A ciência não é verdadeira, mas pode ser útil. As milhares de invenções que os cientistas têm feito nos últimos dois séculos não são nada, senão úteis. A Química, Física, Medicina, Mecânica – todas elas têm feito nossas vidas muito mais confortáveis que a dos nossos avós e mesmo para os nossos pais. Mas

essas invenções podem ser usadas incorretamente também, e a ciência não pode selecionar os propósitos que são legítimos dos que não são. A direção deve vir de alguma outra fonte. A energia nuclear pode ser útil para iluminar cidades ou reduzi-las a cinzas. A Química pode melhorar a nutrição ou fazer gás nervoso. A Biologia pode inventar vacinas ou armas bacteriológicas. A ciência não pode fornecer a verdade, nem valores morais. Mas guiada por princípios éticos não-científicos, pode ser um grande benefício ao homem.

A ciência pode ser útil e a educação científica pode ser útil para treinar pessoas em como pensar. A Física é a ciência mais avançada porque usa mais matemática, e na Matemática – diferente da Física – as conclusões seguem necessariamente das premissas. Um curso em Física pode ser um bom treinamento em pensamento rigoroso – ou pelo menos deveria ser. Assim, a ciência tem uma função, mas não aquela que muitas pessoas pensam ser.

Evangelismo

Voltemos-nos para o nosso segundo termo, *evangelismo*. O que é evangelismo? É, sem dúvida, proclamar as Boas Novas de Cristo. Afinal, a raiz de *evangel*, *evangelho*, significa *boas novas*. Mas o conhecimento cristão tem declinado tanto neste século – a despeito do nosso zelo por evangelismo – que muitos não mais sabem o que são as Boas Novas e como devem ser proclamadas. Os cristãos geralmente possuem uma noção inexata e grandiosa da ciência e uma noção inadequada e baixa do Evangelho e do evangelismo. Eles tendem a crer que o evangelismo consiste em afirmar umas poucas verdades desconectadas sobre a salvação e exortar o mundo a crer nelas. Algumas vezes eles até mesmo confundem as poucas verdades que ensinam.

Não podemos, portanto, olhar para o evangelismo contemporâneo para descobrir o que é evangelismo. Muito do que se passa por evangelismo hoje tem muito pouco a ver com Cristianismo, e muito a ver com psicologia secular. Para aprender o que é evangelismo, devemos estudar os métodos dos especialistas: Cristo e os apóstolos.

Olhemos em certo detalhe como os cristãos do primeiro século evangelizaram o mundo. Poderíamos começar com o sermão de Pedro em Pentecostes, encontrado no segundo capítulo de Atos. Pedro menciona as quatro leis espirituais? Ele pede que as pessoas que o ouvem comprometam suas vidas a Cristo? Ele diz aos seus ouvintes que estes precisam do batismo do Espírito Santo? Longe disso! O que ele diz é isso:

Primeiro, ele explica a capacidade dos cristãos falar em línguas estrangeiras citando o Antigo Testamento extensamente. Quantas vezes pensamos em usar o Antigo Testamento, pra não dizer trazer à memória capítulos inteiros, em nosso evangelismo? Mas Pedro e os outros cristãos primitivos entenderam que toda a Escritura é proveitosa para ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça. Hoje os cristãos têm um evangelho muito truncado no qual pelo menos dois terços da Bíblia é ignorado.

Mas Pedro vai mais adiante. Ele não somente cita o Antigo Testamento longamente, mas acusa seus ouvintes de serem pecadores: “A Jesus Nazareno... tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos... Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”. Pedro os acusou de serem pecadores e de cometer o mais hediondo dos pecados: assassinar o Messias.

A acusação de pecado está ausente do que se passa hoje por evangelismo. Não há nenhuma menção da santidade de Deus, sua justiça e sua lei. Afinal, estamos na dispensação da graça, não estamos? Mas Pedro não ensinou tal absurdo, e acusou seus ouvintes de pecado, de um pecado específico, na verdade.

Ora, qualquer professor de homilética que é digno do sal que come lhe dirá que esse é um péssimo estilo. Acusar seus ouvintes de pecado viola todas as regras que Dale Carnegie² estabeleceu para ganharmos amigos e influenciar as pessoas. Devemos ser pacíficos; devemos buscar entender as pessoas e não ofendê-las. Mas Pedro, o evangelista, não estava interessado em fazer amigos: ele estava interessado em proclamar a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade.

Após citar extensivamente o Antigo Testamento, não apenas uma mas duas vezes, e então acusar sua audiência de serem pecadores, Pedro comete outro engano: ele argumenta teologia. Hoje todos nós sabemos que o argumento é fútil e a teologia é controversa. O evangelismo, somos informados, é a simples proclamação das verdades simples do Evangelho. Mas Pedro discorda. Ele argumenta teologia. Que miserável evangelista era Pedro. Ele provavelmente seria expulso de muitas organizações falsamente chamadas de evangelísticas neste país. Ele cita o Antigo Testamento, arrogante e grosseiramente acusa seus ouvintes de pecado, argumenta e fala de teologia. O pior de tudo: ele menciona predestinação e o poder absoluto de Deus sobre as decisões e pensamentos dos homens: “A este [Cristo] que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos”. Hoje todo o mundo sabe que o evangelismo é incompatível com o Calvinismo, não sabe? Pedro, e todo o resto dos cristãos primitivos, violaram cada princípio maior do evangelismo moderno. Num breve sermão ele ensinou que Deus é santo e todo-poderoso, que seus ouvintes eram peões e pecadores, e que o entendimento de teologia deles era, na melhor das hipóteses, inadequado. Qual foi o resultado? O versículo 37 nos diz: “Ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?” O evangelismo de Pedro compungiu os seus corações, e eles foram transformados pelas palavras faladas por ele. Somos informados que “naquele dia, agregaram-se quase três mil almas” à Igreja após aquele sermão, e que eles “perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. Muitos assim chamados evangelistas famosos do século vinte têm alegado muitas vezes milhares “decisões por Cristo”; mas quantos desses assim chamados conversos continuam firmes junto à doutrina dos apóstolos? É provável que eles nem mesmo começaram a aprender alguma doutrina – nenhum credo, mas apenas Cristo é a visão moderna do evangelismo, penso eu.

O sermão de Pedro não é o único exemplo de tal pregação. Esse era o tipo do evangelismo cristão primitivo. Outros de seus sermões está registrado em Atos 3, onde ele diz:

O Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Filho Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas.

² Nota do tradutor: *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*, Dale Carnegie, Editora Nacional.

E então ele menciona a predestinação novamente. E então cita o Antigo Testamento. Após seu sermão, Pedro foi arrastado pelos sacerdotes e saduceus, mas “muitos dos que ouviram a palavra creram, e chegou o número desses homens a quase cinco mil” (Atos 4:4).

Os sermões de Pedro eram eficazes, mas estivesse ele pregando hoje, indubitavelmente seria arrastado pelos professores de seminário e sentenciado a dois anos de homilética corretiva.

Eu encorajo vocês a estudarem os sermões no livro de Atos. Leiam o sermão de Estevão em Atos 7. Não poderia haver um sermão mais bem calculado para ofender seus ouvintes, e eles “enfureciam-se em seu coração e rangiam os dentes contra ele”. Mas Estevão, “estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus”.

Que conclusões podem ser traçadas sobre evangelismo baseado na atividade dos evangelistas no livro de Atos? Há várias, quase todas elas antitéticas ao que cremos sobre evangelismo hoje.

A Definição de Evangelismo

Primeiro, evangelismo é a proclamação da verdade. Evangelismo não é a proclamação da sabedoria humana ou das opiniões dos homens, mas da verdade revelada a nós na Bíblia. Paulo enfatiza isso no primeiro capítulo de sua primeira carta aos coríntios: “Porque Cristo enviou-me não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã”. Muito do que se passa hoje por evangelismo não é o verdadeiro evangelismo, mas consiste da assim chamada sabedoria humana, isto é, o falsamente chamado conhecimento.

Segundo, evangelismo é a proclamação de toda a verdade. Paulo disse que ele era inocente do sangue de todos porque não tinha falhado em declarar todo o conselho de Deus. Não somente o evangelismo é a proclamação da verdade, mas a proclamação de toda a verdade. Isso significa que a posição das igrejas fundamentalistas não é bíblica. Paulo não disse: eu sou inocente porque lhes ensinei os fundamentos; ele disse que era inocente pois tinha ensinado todo o conselho de Deus, não uns poucos fundamentos e um amontoado de especulação profética. Surpreendente como possa parecer a alguns cristãos, existe um sistema completo de verdade ensinado na Bíblia, uma filosofia cristã que cobre todos os aspectos da fé e da vida. Paulo era inocente do sangue de todos os homens porque tinha lhes ensinado todo o conselho de Deus. Ele não pulou a predestinação; ele a ensinou repetida e perfeitamente. Ele percebeu, como poucos hoje, que muitas pessoas crêem num certo tipo de deus, mas a menos que creiam no Deus Todo-poderoso que causa todas as coisas que acontecem, eles não crêem em Deus. Essa preocupação com toda a verdade levou os primeiros evangelistas a citarem extensamente as Escrituras. Eles não ignoravam certos livros como inaplicáveis para hoje.

Terceiro, o evangelismo contém nada senão a verdade. Em sua carta aos coríntios, Paulo até mesmo se regozija por Cristo não tê-lo enviado para batizar, mas somente para “pregar o Evangelho”. Hoje existem facções crescentes em muitas denominações que menosprezam a doutrina, desdenham a pregação e enfatizam a experiência, a cura, os dons, a liturgia, a atividade e o ritual. Tudo menos ensino. Mas o evangelismo envolve proclamar nada senão a verdade. Se o evangelismo é a proclamação da verdade, toda a verdade, nada

senão a verdade, duas questões aparecem: Qual é a fonte desta verdade? Como ela deve ser proclamada?

A Fonte da Verdade

A resposta da Bíblia e da Reforma à primeira questão é: A Bíblia somente é a fonte da verdade. O resumo mais excelente do que a Bíblia ensina, a *Confissão de Westminster* de 1645, expressa a resposta dessa forma:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens;

Pedro expressa a visão nas seguintes palavras de 2 Pedro: “Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua glória e virtude”. Deus nos deu todas as coisas que dizem respeito à vida e piedade através da teologia – o conhecimento de Deus. A fonte da verdade é somente a Bíblia.

A segunda questão é o método de proclamar a verdade. Hoje geralmente pensamos em usar rádio ou televisão, tratados, livros, sermões, música, e assim por diante; e todos os métodos legítimos devem ser usados. Mas isso não é o que quero dizer por método. Como a mensagem deveria ser empacotada? Deve haver pregação, isto é, somente afirmações, ou argumentos também? O que os primeiros evangelistas faziam? Atos 17:2 diz que Paulo, “segundo o seu costume, foi procurá-los [na Sinagoga] e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos”.

Paulo arrazoou, expôs e demonstrou. Quanto do evangelismo em nossos dias tem qualquer um desses três elementos nele? Mais freqüente são afirmações, com certa superficialidade ou falsidade, tais como: Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida, seguida por um chamado por uma decisão por Cristo ou um comprometimento com Cristo. Você nunca encontrará tais práticas nos relatos dos primeiros evangelistas. Atos 18:4 e 19 repetem o relato: Paulo ia até as sinagogas em Corinto e Éfeso e arrazoava com os judeus. De Apolo, Atos 18:28 diz que ele “com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo”.

O evangelismo pela igreja primitiva era quase inteiramente uma questão intelectual. Ele não era emocional; não havia longos e demorados convites ou chamadas ao altar; essas práticas não são encontradas nos relatos bíblicos. O poder extraordinário do evangelismo primitivo não vinha de apelos emocionais, mas da ousadia com a qual os cristãos pregavam a verdade, toda a verdade, nada senão a verdade. Deus usou as palavras pronunciadas por eles para convencer os incrédulos da verdade; não havia truques ou propagandas televisivas envolvidas. O Evangelho, não a sabedoria humana, é o poder de Deus. E Paulo arrazoava semanalmente na sinagoga e diariamente na praça com “os que se encontravam ali” (Atos 17:17).

Ciência e Evangelismo

Nesse ponto estamos finalmente prontos para colocar a ciência e evangelismo juntos a fim de entender como o cientista pode ser um evangelista.

Evangelismo, como temos visto, não deveria ser estreitamente entendido como buscar a salvação de almas, mas como a proclamação de toda a verdade. A Grande Comissão, o mandamento final de Cristo, coloca isso da seguinte forma: “Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”. Evangelismo não é meramente conseguir que as pessoas sejam salvas, mas é fazer discípulos, *ensinando a todas* as nações *todas* as coisas que Cristo ordenou. Porque o evangelismo é tão abrangente, porque ele envolve o ensino, o cientista pode ser um evangelista. Como, especificamente, ele pode fazer isso?

A primeira e mais importante forma do cientista evangelizar é dizer a verdade sobre a ciência. Isso significa que os cientistas cristãos devem parar de simular que a ciência descobre a verdade. Não descobre! Isso é extremamente importante na educação dos jovens. Estudantes que lêem livros-texto seculares e cristãos têm lido que a ciência descobre a verdade. Estudantes de escolas cristãs e seculares têm aprendido que a ciência descobre a verdade. A diferença entre a visão cristã e pagã tem sido somente a quantia de verdade que a ciência pode alegadamente descobrir: Nas escolas e livros-texto seculares, a ciência é considerada como a chave para a interpretação completa do universo. Nas escolas e livros-texto cristãos, a verdade sobre o mundo ao redor de nós é atribuída à ciência, mas as verdades religiosas vêm de outra fonte. Como essas duas séries de verdades devem ser reconciliadas entre si torna-se um problema maior para pensadores cristãos que crêem que a ciência descobre a verdade. Esses homens falham em entender tanto a ciência como a Bíblia, pois a Bíblia alega ter um monopólio sobre a verdade, e a ciência não é uma ferramenta de cognição. Pedro, numa passagem já citada, diz que todas as coisas que dizem respeito à vida e piedade vêm por meio da teologia, não da Física. Paulo diz que a Escritura equipa o homem de Deus completamente para toda boa obra; não há necessidade de um suplemento da ciência ou filosofia. Pedro refere-se às Escrituras como “uma luz que brilha num lugar escuro”. Não um lugar turvo, mas escuro. O princípio é a Bíblia somente, *sola Scriptura*. Não há outra fonte de verdade. Para ser um evangelista, um cristão cientista deve testemunhar esta verdade: a Bíblia somente é a verdade. Estas são as Boas Novas. Esse é o primeiro dever do cientista como evangelista. Ele deve dizer a verdade sobre a ciência e sobre o Cristianismo. Até aqui, os cientistas cristãos têm tentado extrair água de cisternas rachadas.

O Lugar da Lógica

A segunda tarefa do cientista como evangelista segue da primeira: ele deve insistir que tanto a ciência como a teologia são governadas pelas regras da lógica. Não há escusa para pensamento medíocre na ciência, e não menos escusa na teologia. Paulo arrazoava com os judeus na sinagoga semanalmente e com os gentios diariamente na praça. Ele demonstrava que Cristo *tinha que* sofrer e morrer. Como homens instruídos, Paulo e Apolo eram obviamente familiarizados com as leis da lógica e sabiam como construir argumentos válidos. Hoje, em 1985, alguns cientistas cristãos, mas poucos teólogos podem raciocinar ou demonstrar; nisso, eles não imitam Paulo como ele nos mandou fazer.

Se você pensa que a minha ênfase no raciocínio e na lógica é desequilibrada, na Escritura não existe ninguém mais poderoso na lógica do que o próprio Cristo. Ouça a réplica de Cristo aos fariseus que o acusaram de expulsar demônios pelo poder de Belzebu:

Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?

O argumento de Cristo é um silogismo. Mas Cristo não deixa a questão aqui; ele quer inculcar o argumento:

E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juizes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.

Esse argumento é um dilema simples: Se Cristo expulsava os demônios por Belzebu, assim também os filhos dos judeus que estavam seguindo a Cristo. Mas se Cristo expulsava os demônios por Deus, então o reino de Deus era chegado. O mestre da lógica, o *Logos* de Deus, destruiu o argumento dos fariseus.

Numa outra ocasião, os saduceus confrontaram Cristo com uma questão sobre a ressurreição. Eles obviamente pensaram que tinham um argumento incontestável contra a ressurreição, mas não estavam preparados para lidar com a lógica de Cristo. Ele replicou à questão deles desta forma:

Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus... quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.

Cristo deduziu a ressurreição a partir do tempo de um verbo. Os saduceus eram muito estúpidos ou irracionais para fazer a dedução. Houve três reações ao uso rigoroso da lógica por Cristo: Primeiro, somos informados que a multidão ficou impressionada com o seu ensino. Segundo, Mateus nos diz que ele silenciou os saduceus. Terceiro, os fariseus, vendo uma oportunidade de mostrar sua superioridade sobre Cristo e os saduceus, pensaram que poderiam vencer Cristo onde os saduceus falharam. Eles apresentaram uma pergunta sobre o maior dos mandamentos, que Cristo respondeu com facilidade. Mas então ele, conhecendo o que havia em seus corações, fez uma pergunta sobre o Messias que eles não puderam responder. Qual foi o resultado dos seus argumentos? Mateus diz: “E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe perguntas” (Mateus 22:46).

O Trabalho do Cientista

Essa, meus amigos, é a função do cientista cristão: silenciar os inimigos científicos de Cristo. Como um intelectual, o cientista cristão deve servir como um guarda-costas da verdade da Escritura, defendendo-a dos ataques pagãos naquelas áreas nas quais ele é um especialista. O arqueólogo cristão deve expor as falácias lógicas que os arqueólogos pagãos usam para atacar a Bíblia. O arqueólogo cristão deve demonstrar que a arqueologia não pode provar nada, muito menos refutar a verdade da Bíblia. O biólogo cristão deve

defender a Bíblia contra aqueles que negam a verdade do relato da criação, expondo sua irracionalidade a todo o mundo. Se a tarefa do cientista cristão como evangelista for propriamente feita, nenhum cientista ousará questionar a Bíblia mais.

Desafortunadamente, pouco desse tipo de evangelismo tem sido feito; pois os cientistas cristãos, em geral, têm aceito a noção de que a ciência pode fornecer a verdade. Como resultado, eles gastam o tempo que deveriam usar defendendo a verdade da Bíblia defendendo a autoridade da ciência. Esse engano é fatal para o evangelismo cristão, pois como cristãos não estamos interessados em defender um método que não pode ser deduzido da Escritura, nem estamos interessados em defender um deus genérico do tipo no qual alguns cientistas crêem: um desenhista universal. Aqueles que crêem em tal deus são maçons, não cristãos, e a menos que se arrependam, irão para o inferno.

Mas há mais para o cientista como evangelista do que dizer a verdade sobre a ciência e insistir no pensamento rigoroso na ciência e na teologia. A primeira dessas tarefas, dizer a verdade sobre a ciência, é parte de reforçar a alegação do Cristianismo ter um monopólio sobre a verdade e a salvação: um livro, um Senhor, uma fé, um Deus, um batismo, um nome pelo qual devemos ser salvos. A segunda tarefa, insistir no pensamento rigoroso, contribui para a realização da primeira tarefa embaraçando aqueles que se opõem à verdade. A terceira tarefa do cientista como evangelista é a explicação daquelas passagens da Escritura que têm uma implicação sobre as várias disciplinas da ciência: astronomia, biologia, zoologia, botânica e assim por diante. Se a ciência não pode fornecer a verdade, mas meramente opinião útil, a verdade deve ser encontrada nas proposições contidas na Bíblia e nas inferências lógicas feitas a partir dessas proposições. O cientista como evangelista deve tentar deduzir a partir da Bíblia tantas proposições quanto puder que estejam relacionadas com o mundo natural. Quantas existem? Não faço idéia! Nem alguém sabe. Talvez as verdades deduzidas a partir da Bíblia sejam bem limitadas quando comparadas à vasta quantidade de informação errônea que agora enchem os nossos livros de ciência. Mas, embora poucas, essas proposições serão verdadeiras, algo que não pode ser dito sobre as proposições que surgem do método científico.

Em conclusão, a tarefa do cientista como evangelista é remover os obstáculos que a ciência secular tem posto no caminho da crença na verdade da Bíblia. Quando esses obstáculos forem removidos, a mensagem do Evangelho obterá uma audiência bem maior que em qualquer época nos últimos dois séculos. Cristo e os apóstolos responderam às objeções dos incrédulos e então reduziram as suas opiniões ao absurdo auto-contraditório. Essa não é uma tarefa fácil, mas deve ser feita se o cientista cristão trazer todos os pensamentos cativos a Cristo. As críticas científicas da verdade devem ser silenciadas, e o cientista como evangelista deve fazer isso. Cristo não espera nada menos.